

O meio de campo da sucessão

Ignácio de Aragão

Coluna Ponderada

Ninguém ainda está pronto para as jogadas decisivas e novidades poderão surgir ainda. Este veto do Presidente, eliminando da lei eleitoral a exigência de que qualquer partido, para registrar um candidato, já tivesse representação parlamentar federal, é inteiramente procedente, deverá ser mantido e com certeza abrirá o leque para a aparição de novos nomes no páreo da sucessão. Do jeito que as coisas estão, quantos mais melhor, porque o povo precisa ter todas as opções para escolher, dentre eles, o novo Presidente. Sem o risco de errar.

Há uma ansiedade nacional para que ainda surja alguém que seja o verdadeiro salvador da Pátria. O País está correndo o risco de argentinizar-se, o atual Governo não tem força, ou não quer tê-la, para tomar decisões fundamentais, e o Congresso, apesar das insistentes batidas na porta, não acorda. Como diz o anúncio tão conhecido, a Argentina é sempre o Brasil de amanhã. O que ali acontece virá a

acontecer em nosso País, é uma questão de tempo ou de omissão. Por isso, o povo anseia para que algo aconteça de bom, para que um nome de consenso e responsabilidade, acima dos partidos e das gulas políticas, venha a surgir e ganhar, envolvido num clima de total confiança que lhe permita consertar a gama de erros e desacertos acumulados. O equilibrado veto do sr. Sarney ao dispositivo casuístico e inconstitucional da lei eleitoral é a oportunidade de que estávamos precisando.

Se, entretanto, Deus tiver mudado de nacionalidade, teremos que contar com a prata da casa, já usada e conhecida, que são os candidatos na prateleira. E, aí, a coisa ficará preta. No rumo dos ventos, o sr. Collor pegou a dianteira e será difícil tomar-lhe o posto, não obstante o lugar comum de que quem está em cima pode cair. Um grande besteiro, pois, nesse assunto, ninguém cai, é derrubado. E os que se confrontam com o Collor só conseguiram, até agora, derrubar a si

próprios. Brizola e Lula estão aí para não me deixar mentir. Dr. Ulysses perde-se nas brigas de família do PMDB e acaba de receber ponderado conselho do governador Arraes para largar a sua candidatura e voltar à presidência do partido. O que pensará o eleitor disso, depois de ter sido o governador de Pernambuco cantado e decantado como uma das maiores expressões políticas do País e do PMDB? O gesto de Arraes é a fórmula nova de cristalizar candidatos. Podem até os governadores, como o fizera Valadares no seu tempo, simular um aguerrido apoio ao dr. Ulysses, mas passar a chapa de Covas, dobrada, pela mãozinha. Não será novidade, até que passem a de Collor, porque na dúvida...

Como se vê, o meio de campo está, como dizem os especialistas, nitidamente embolado. Não dá para fazer, ainda, prognóstico seguro. Enquanto isso, Collor continua subindo e os outros descendo. A gangorra está pendendo para um lado só.